

CONGO: um país, muitas histórias, confrontando estereótipos.

Edite Nascimento Lopes ¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo discutir o continente africano a partir das representações fílmicas da indústria cinematográfica hollywoodiana. Através da análise do filme “O Congo”, lançado no Brasil em 1995, procura-se mostrar como as imagens e cenas contribuem para consolidar visões e sentidos baseados em clichês e estereótipos clássicas, bastante presentes nos filmes análogos, que tematizam o continente africano. Para este trabalho foram utilizados os trabalhos dos historiadores africanos Elikia M`Bokolo e Joseph Ki Zerbo como forma de mostrar outra África, diferente da que foi apresentada no filme em questão. Este trabalho integra o projeto de pesquisa intitulado A África a partir das representações, coordenado pelo Prof. Dr. Ivaldo Marciano de França Lima, do colegiado de História da UNEB, campus II.

Palavras chave: África, Congo, cinema.

Como entender os significados existentes em um simples nome? Para além dos sentidos existentes no mesmo, sabe-se que entre os historiadores o debate em torno dos conceitos está longe de se constituir em algo simples. Os nomes, as palavras e os conceitos são as principais formas de comunicação dos historiadores. Segundo Paul Veyne, o historiador escreve a partir dos conceitos. ² A palavra “Congo” pode nos levar a diferentes significados. Na atualidade existem dois países africanos com este nome: A República Democrática do Congo, com capital em Kinshasa, a República do Congo, com capital em Brazaville. O primeiro foi resultado da colonização francesa, e o segundo integrava os domínios coloniais da Bélgica. O termo em questão também pode aludir ao antigo Império do Congo, que foi “encontrado” pelos portugueses no século XV, durante o processo de início das grandes navegações que marcaram o período atlântico. O Congo foi, durante muito tempo, um dos principais elementos que povoou o imaginário dos europeus no processo de circunavegação do continente africano pelos navegantes portugueses. Conforme as descrições de Eanes Zurara, o Império do Congo e o seu soberano, o Manicongo, era mais poderoso do que o próprio rei de Portugal. ³

Mas o termo “Congo”, para além de servir como um nome próprio, também significou a principal forma de se referir ao continente africano, assim como aos seus habitantes que ao Brasil vieram trazidos como escravos. Se nos primórdios a referência a palavra Guiné servia para nomear os africanos, a alusão ao Congo se constituiu em

sinônimo destes, sobretudo após o recrudescimento do tráfico escravista na costa atlântica. Segundo Marina de Mello, as nações escravas eram tratadas pelo termo genérico de Congo, e tal questão nos ajuda a entender os motivos das celebrações existentes ao longo do período colonial, conhecidas por Reis do Congo, congados ou simplesmente congos.⁴ Ainda hoje, por sinal, existem diversas manifestações culturais espalhadas pelo nordeste brasileiro com este nome, algumas das quais pesquisadas por antropólogos e folcloristas.

Este trabalho, entretanto, considerando a exigüidade do espaço, objetiva discutir as representações do continente africano feitas pelos filmes hollywoodianos. Para tal fim, irei dispor como objeto o filme *“O Congo”*, lançado no Brasil em 1995 pela Paramount Home Entertainment. O filme narra a história de um grupo de pessoas que se dirigem ao continente africano com diferentes motivações. Laura Linney vai à busca de explicações para entender as mortes dos colegas da empresa de comunicação em que trabalha, além de tentar resgatar seu ex-noivo, que foi à África em busca de uma matéria prima indispensável para a fabricação de satélites, dentre outros aparatos tecnológicos. Outro integrante do grupo é o jovem pesquisador da área de comunicação, que conseguiu desenvolver uma máquina capaz de fazer um gorila fêmea falar. Seu principal objetivo, na viagem, é levar o animal de volta para sua suposta casa, devolvendo-a a selva. O grupo é formado também por um romeno interessado em encontrar a cidade perdida, em que estaria parte das riquezas do Rei Salomão, e por um negro norte-americano, que ganhava a vida servindo de guia para expedições do mesmo gênero, no continente africano. O filme tem como diretor Frank Marshall, com duração de 109 minutos.

O filme em questão mostra diferentes contrastes entre o ocidente, quase sempre apresentado como superior e dotado de civilização fortemente baseada em tecnologias de ponta, e o continente africano, povoado por homens corruptos, que vivem em meio as guerras e ao caos. Os clichês e as estereotípias deste filme, ao mostrar a África de tal modo, não se diferenciam das existentes em outros filmes da indústria cinematográfica hollywoodiana. A análise do filme nos leva a constatação da existência de visões errôneas e corrompidas sobre a África e os seus habitantes, desprezando as multiplicidades e diferenças existentes nos mais variados povos que habitam este continente. O mesmo, na narrativa fílmica em questão, é sempre apontado, mesmo que de forma sub-reptícia, como caótico, inviável e habitado por homens com sérios problemas de caráter, corruptos em sua maioria.

Observando as diferentes perspectivas da narrativa fílmica em questão, o continente africano está sempre em oposição ao ocidente, seja sob o aspecto de lugar inseguro, caótico, repleto de doenças e permeado pela guerra. Os habitantes do mundo civilizado apenas vão ao mesmo em busca de matérias primas para o aprimoramento da tecnologia ocidental, inovando a máxima do fardo do homem branco, clichê que justificou a dominação das potências europeias no final do século XIX, no período posterior a Conferência de Berlim. O filme em questão apresenta um suposto Congo em guerra, caótico, com militares corruptos, truculentos e ávidos por dinheiro, sobretudo dos civilizados ocidentais. A equipe acima descrita, movida por ideais nobres, precisa subornar um militar para prosseguir viagem. Em todo o filme é possível observar os choques e contrastes apresentados na fotografia: cientistas brancos, civilizados, em busca dos diamantes, civilizações perdidas e no afã de levar de volta para “casa” um gorila que era objeto de pesquisas.

Importa para este trabalho indicar que o cinema é uma fonte para a História, e como tal, dotada de uma linguagem diferente do texto escrito, constituída de outra lógica e sentidos.⁵ Como não poderia deixar de ser, parto do pressuposto de que o filme em questão, objeto da presente análise, se baseia em visões errôneas e corrompidas sobre a África e os seus habitantes, desprezando as multiplicidades e diferenças existentes nos mais variados povos que habitam este continente.

Através da análise deste filme, produzido pela indústria cinematográfica hollywoodiana, é possível perceber que o olhar preponderante constitui-se das estereotípias, tanto no que diz respeito aos indivíduos, como as suas práticas e costumes culturais.⁶ Nesse mesmo aspecto, traz a idéia de que os povos africanos, em pleno século XX, permanecem sem uma construção ideológica social própria. As cenas que são retratadas buscam consolidar a idéia europeia de que a África permanece atrasada, sem cultura (cultura no sentido de erudição), e longe da civilização.⁷ A narrativa fílmica em análise mostra que a África é o não-lugar, tudo o que se deve evitar, e, de preferência, recolocada sob a condição da recolonização, uma vez que os povos que habitam este continente não possuem as condições mínimas para se autogovernarem.

Partindo de premissas homogeneizantes, grande parte destas estereotípias é fundada a partir de elementos baseados no etnocentrismo, e ao mesmo tempo apoiadas no senso comum de que na África só existem selvas, povos atrasados e famintos, bem como uma desordem completa.

Essas representações trazem consigo os elementos do eurocentrismo e etnocentrismo, que reserva para África um lugar secundário e subalterno, desprovido de aspectos civilizatórios, racionais e humanos.⁸ Observa-se que por meio da indústria cinematográfica o cinema tem sido um veículo transmissor de uma cultura histórica, contaminada com valores e pontos de vista ocidentais, com o uso estereotipado dos contextos, promovendo um cenário que na maioria das vezes destoa da historiografia produzida por historiadores africanos e africanistas, notadamente Elikia M'Bokolo e Joseph Ki-Zerbo.⁹ O autor que contribui para a desconstrução das representações existentes no filme citado é Joseph Ki-Zerbo. Ele afirma que durante muito tempo, mitos e preconceitos de toda espécie esconderam do mundo a real história da África, ressaltando que as sociedades existentes no continente africano foram apresentadas pela historiografia colonial como desprovida de história.

Nesse mesmo embate, o autor destaca que apesar de ter existido importantes trabalhos efetuados desde as primeiras décadas do século XX por pioneiros como Leo Frobenius, Maurice Delafosse e Aurturo Labriola, um considerável número de especialistas não-africanos, ligados a certos estigmas, sustentavam a ideia de que essas sociedades africanas não podiam ser objeto de um estudo científico.¹⁰

Percebe-se um contraste na elaboração da história da África. Enquanto alguns autores afirmam que a África não pode ser analisada como objeto de estudo válido, os filmes hollywoodianos a representam como um continente que precisa a todo o momento da participação européia para a construção da civilização. A ideia do primitivo, abordada no filme *“O congo”*, retrata um contexto sociocultural no meio da selva, onde quem possui cultura, civilização e conhecimento são os cientistas europeus, aqueles que se arriscaram para explorar os recursos minerais no suposto Congo, com habitantes selvagens, guerras, conflitos sociais e animais perigosos desconhecidos. Destaque-se que a floresta, suposta paisagem que foi tornado sinônimo da África, é apenas a terceira de maior ocorrência no continente, uma vez que este tem nas savanas e desertos as paisagens que prevalecem.¹¹ A selva, nesse aspecto, se constitui na paisagem predominantemente representada nos filmes hollywoodianos. A ela se agrega os valores e sentidos do contrário ao civilizado. A floresta representa, nessa perspectiva, o selvagem e primitivo.

Ainda nessa abordagem, percebe-se a ideia de recusa por parte dos europeus em relação às diferentes culturas existentes no continente africano. O filme citado não considera os povos da África como criadores, dotados de culturas originais, que

floresceram e constituíram civilizações em um dado processo histórico. Desse modo, o filme em questão reforça a idéia de que algumas regiões do continente africano não são consideradas como uma entidade histórica. Basta compulsarmos uma das muitas obras de Ki-Zerbo para observarmos as pesadas críticas que este autor desfere contra o que ele convencionou denominar por “barragem de mitos”.¹²

Essas heranças históricas, resultantes de um passado colonizador, alimentaram estereótipos baseados na ideia de uma raça inferior, quase sempre mostrada como digna ou de compaixão, ou de desprezo. O filme em questão, acima citado, não faz nada mais do que alimentar a incompreensão e as estereotípias sobre um continente dotado de grande complexidade em relação a sua história.

Filmes como este, em geral, constroem uma África distante daquela existente. Não há liames entre as imagens predominantes, e as realidades existentes no continente. Não há um contexto que explique a situação atual, mas o reforço de quadros provisórios e que são resultados de um processo histórico.

Refiro-me aos problemas da fome, guerras e doenças. Tais fatos não são problemas que sempre existiram na África, mas tanto as representações predominantes nos filmes, como nas diferentes mídias da atualidade (televisão, jornal, cinema), reforçam um olhar naturalizador de quadros construídos e dotados de um processo histórico.

Dentro dessa perspectiva, o filme acima citado se constitui como forma de representação contextual que engloba fatores audiovisuais capazes de confundir a cabeça do receptor. O cinema, dentro de uma dimensão histórica, pode ser utilizado como forma de abordagem historiográfica, mas é necessário analisar minuciosamente os interessados que elaboram os filmes e que retratam o contexto histórico, social, político, econômico e cultural da África.

Conclusão.

Desse modo, percebe-se que a indústria cinematográfica vem se apropriando de valores europeus para representar os cenários históricos da África. Reforça a idéia de concepção da África e de seus habitantes como sendo diferente dos demais, ou seja, um lugar de seres desprovidos de racionalidade, de sentido histórico e, sobretudo, de sujeito cultural que estão sempre ligados ao subdesenvolvimento.

Em suma, é preciso desconstruir essas representações sobre o continente africano, confrontando-a com a historiografia específica sobre a real história da África. Essas representações são dotadas de clichês e estereótipos que contribuem para a homogeneização do continente africano.

¹ Estudante do curso de História da UNEB, campus II. O presente trabalho integra a pesquisa intitulada “A África através das representações”, coordenada pelo Prof. Dr. Ivaldo Marciano de França Lima, do colegiado de História da UNEB, campus II.

² VEYNE, Paul. Como se escreve a história. Brasília: UNB, 1998.

³ M’BOKOLO, Elikia. África negra. História e civilizações – tomo I (até o século XVIII). Salvador/ São Paulo: Editora da UFBA/Casa das Áfricas, 2009.

⁴ SOUZA, Marina de Mello. Reis negros no Brasil escravista. Belo Horizonte: EDUFMG, 2002.

⁵ ROSENSTONE, Robert. A história nos filmes. Os filmes na história. São Paulo: Paz e Terra, 2010; NAPOLITANO, Marcos. A História depois do papel. In: PINSKY, Carla Bassanezi, et all. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2006, pp. 235 - 289.

⁶ Sobre esta questão, importante destacar os modos como as mídias produzem sentidos e consolidam visões. Sobre esta questão, ver: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; FERREIRA, Lucia Maria Alves (Orgs). *Mídia e memória. A produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

⁷ Sobre o conceito de cultura, ver: Laraia, Roque de Barros. Cultura - Um conceito antropológico. São Paulo: Zahar, 2008; SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura. São Paulo: Brasiliense, 2006.

⁸ Sobre o etnocentrismo, ver: ROCHA, Everardo. O que é etnocentrismo. São Paulo: Brasiliense, 2006.

⁹ M’BOKOLO, Elikia. África negra. História e civilizações – do século XIX aos nossos dias - tomo II. Lisboa: Edições Colibri, 2007; M’BOKOLO, Elikia. África negra. História e civilizações – tomo I (até o século XVIII). Salvador/ São Paulo: Editora da UFBA/Casa das Áfricas, 2009. KI-ZERBO, Joseph. *Para quando África? Entrevista com René Holenstein*. Rio de Janeiro: Ed. Pallas, 2006. KI-ZERBO, Joseph. História da África negra. Lisboa: Publicações Europa-América, 1972, Vol I; KI-ZERBO, Joseph. História da África negra. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2002, Vol II

¹⁰ FROBENIUS, Leo; FOX, Douglas C. A gênese africana. Contos, mitos e lendas da África. São Paulo: Landy Editora, 2005.

¹¹ SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. Memória D’África. A temática africana em sala de aula. São Paulo: Cortez, 2007.

¹² KI-ZERBO, Joseph. História da África negra. Mem Martins: Publicações Europa-América, 2009, Vol I.